

ARIANO SUASSUNA E GILBERTO FREYRE: IDENTIFICAÇÕES E INTERLOCUÇÕES DISCURSIVAS

Willians Alves da Silva ¹

RESUMO

O presente artigo pretende rastrear alguns discursos, posicionamentos e defesas dos intelectuais nordestinos Gilberto Freyre e Ariano Suassuna, no sentido de identificar suas aproximações e interlocuções. Ambos os personagens possuem trajetórias, declarações e argumentos repletos de controvérsias e ambiguidades. Falando de um lugar social legitimado e privilegiado, e possuindo discursos saudosos e tradicionais, o escritor paraibano e o sociólogo pernambucano compartilham um forte sentimento de defesa e exaltação da cultura nordestina. Amparado em autores como Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2011), Fábio Leonardo Castelo Branco Brito (2016), e debruçando-se em fontes jornalísticas, entrevistas e manifestos, o estudo tenta mostrar como suas defesas, lutas e engajamentos encontravam-se e conformavam-se no objetivo central de demarcar um lugar legítimo para a cultura brasileira.

Palavras-chave: História. Cultura. Gilberto Freyre. Ariano Suassuna.

ARIANO SUASSUNA AND GILBERTO FREYRE: IDENTIFICATIONS AND DISCURSIVE INTERLOCUTIONS

ABSTRACT

This article intends to trace some speeches, positions and defenses of northeastern intellectuals Gilberto Freyre and Ariano Suassuna, in order to identify their approaches and interlocutions. Both characters have trajectories, declarations and arguments full of controversies and ambiguities. Speaking from a legitimized and privileged social place, and having nostalgic and traditional discourses, the writer from Paraíba and the sociologist from Pernambuco share a strong feeling of defense and exaltation of Northeastern culture. Supported by authors such as Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2011), Fábio Leonardo Castelo Branco Brito (2016), and leaning on journalistic sources, interviews and manifestos, the study tries to show how their defenses, struggles and engagements met and conformed focuses on the central objective of demarcating a legitimate place for Brazilian culture.

Keywords: History. Culture. Gilberto Freyre. Ariano Suassuna.

ARIANO SUASSUNA Y GILBERTO FREYRE: IDENTIFICACIONES E INTERLOCUCIONES DISCURSIVAS

RESUMEN

Este artículo pretende rastrear algunos discursos, posiciones y defensas de los intelectuales nororientales Gilberto Freyre y Ariano Suassuna, con el fin de identificar sus planteamientos e interlocuciones. Ambos personajes tienen trayectorias, declaraciones y argumentos llenos de controversias y ambigüedades. Hablando desde un lugar social legitimado y privilegiado, y poseyendo

¹ Mestrando em História do Brasil pelo Programa de Pós-Graduação em História do Brasil – PPGHB, UFPI, 2023. E-mail: williansalves@ufpi.edu.br
Humana Res, v. 5, n. 8, 2023, ISSN: 2675 - 3901 p. 273 – 292 agos. a dez. 2023. DOI: citado na pág. inicial do texto

ARIANO SUASSUNA E GILBERTO FREYRE: IDENTIFICAÇÕES E INTERLOCUÇÕES DISCURSIVAS

discursos nostálgicos y tradicionales, la escritora paraibana y la socióloga pernambucana comparten un fuerte sentimiento de defensa y exaltación de la cultura nordestina. Apoyado en autores como Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2011), Fábio Leonardo Castelo Branco Brito (2016), y apoyándose en fuentes periodísticas, entrevistas y manifiestos, el estudio intenta mostrar cómo se encontraron y conformaron sus defensas, luchas y compromisos. el objetivo central de demarcar un lugar legítimo para la cultura brasileña.

Palabras clave: Historia. Cultura. Gilberto Freyre. Ariano Suasuna.

Interpretações sobre o Brasil

Muitos foram os autores e intelectuais brasileiros que se insurgiram na difícil missão de interpretar o Brasil. Muitos foram os discursos, projetos, manifestos, obras e ensaios que propuseram conformar um lugar para a cultura brasileira; afinal, as eloquentes indagações “o que somos?”, “porque somos?”, “como somos?” e “onde pretendemos chegar?” são inquietações antigas, incitadas no sentido de cavar no próprio ventre da nação as respostas históricas e sociais mais qualificadas e convincentes que, além de dialogarem com momentos de profundas crises políticas e ensejos sociais, serviam também para tentar elucidar e explicar o complexo estrato daquilo que nos compõe, daquilo que nos define e do que nos identifica. O que nos demarca e nos faz ser brasileiros.

As disputas foram as mais diversas. Políticas, religiosas, sociais, históricas. As primeiras definições vieram de fora, através do olhar e dos relatos de viagens de escrivães, de cronistas, pintores. O primeiro documento histórico sobre o Brasil ficou a encargo de Pero Vaz de Caminha (escrito entre 26 de abril e 2 de maio de 1500), que olhava esse novo mundo com uma espécie conjunta de embelezamento e confusão. Esse primeiro relato de achamento sobre as terras brasílica – que a literatura chamaria de *Quinhentismo* – está repleto de descrições, impressões e aversões. Um discurso imprimido pela fé católica frente a um mundo completamente novo, virgem e estranho para o europeu. A descrição detalhada da terra e do seu povo originário, como primeiro relato ao rei D. Manuel I de Portugal, serviu para dar as inaugurais notícias de um vasto e idílico território.

Depois vieram os artistas viajantes que integraram as expedições artísticas e científicas das Américas. Suas produções, através de relatos, pinturas e desenhos, detalham a extensa flora, a fauna e os povos. Como o imaginário europeu dessa época era incrementado de uma mentalidade povoada por monstros, serpentes e abismos, muito do que se produzia era descrito ora como o “inferno exposto”, ora como o “paraíso prometido”. A galeria dos primeiros artistas que interpretaram o Brasil é diversa. Inclui o marinheiro e escritor Hans Staden (século XVI),
Humana Res, v. 5, n. 8, 2023, ISSN: 2675 - 3901 p. 273 – 292 agos. a dez. 2023. DOI: citado na pág. inicial do texto

o escritor, pastor protestante e gravador Jean de Léry (século XVI), o editor e gravador flamengo Thodore de Bry (entre os séculos XVI e XVII), os artistas holandeses Albert Eckhout e Frans Post (século XVII). Em 1816, a Missão Artística francesa era composta por artistas como Nicolas-Antonie Taunay, Auguste-Henri-Victor Grandjean e Jean-Baptiste Debret. Em 1821, contratado como desenhista da Expedição Langsdorff, viria ao Brasil pela primeira vez também o pintor alemão Johann Moritz Rugendas.

O século XIX foi responsável por imprimir nas pesquisas e estudos uma interpretação política e conservadora sobre o Brasil. De acordo com José Carlos Reis (2007), as teses conservadoras dos primeiros intérpretes do “descobrimento do Brasil” viam o futuro do país como a melhoria do seu passado, sem a necessidade de uma mudança profunda ou sem o interesse de ruptura. É o chamado “elogio da colonização brasileira”. Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878), por exemplo, faz uma leitura conservadora e lusitana do projeto de história do Brasil que o médico e antropólogo Von Martius escreveu para o Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (IHGB), entre 1843 e 1844.² Para Varnhagen, o Brasil era um país branco, monárquico, neoportuguês, cristão, centralizado na figura do imperador e encaminhando-se para um futuro glorioso. O Brasil seria outro Portugal, ou seja, um outro império colonial. Varnhagen “olhava o Brasil com o olhar dos reis” lusitanos e até propôs ao imperador D. Pedro II que continuasse a sua obra³. Uma nova tese e um novo discurso, também conservadores, surgiriam. Dessa vez, sustentava-se que, no futuro, o Brasil deveria romper o cordão umbilical com a herança colonial e com a metrópole portuguesa. Os próximos intérpretes da nação brasileira problematizavam a “conquista” portuguesa, vendo-a como um grande mal que precisava ser superado. Capistrano de Abreu (1853-1927) foi um dos pioneiros a elaborar esse discurso de rompimento como o passado colonial brasileiro, propondo um “redescobrimento do Brasil”.

Novos discursos, novos sujeitos, novos intelectuais e novos pontos de vista. As interpretações do Brasil foram avançando e se reinventando. Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior, Paulo Prado, Florestan Fernandes etc. A galeria segue trazendo avanços, recuos, novos problemas, métodos, abordagens e dilemas. As interpretações culturais sobre o Brasil são as que mais ganham fôlego depois da “revolução historiográfica”⁴ dos

² A monografia de Carl Friederich Philipp von Martius se chama “Como se deve escrever a História do Brasil”.

³ REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil**: de Varnhagen a FHC. 9.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007, p. 20.

⁴ Termo usado por Peter Burke em A Escola dos Annales. In: BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929-1989)**: A Revolução Francesa da historiografia. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997. **Humana Res**, v. 5, n. 8, 2023, ISSN: 2675 - 3901 p. 273 – 292 agos. a dez. 2023. DOI: citado na página inicial do texto

ARIANO SUASSUNA E GILBERTO FREYRE: IDENTIFICAÇÕES E INTERLOCUÇÕES DISCURSIVAS

Annales⁵. Para entender melhor as aproximações e identificações que este artigo propõe, a saber os intercâmbios intelectuais e culturais entre o pernambucano Gilberto Freyre e o paraibano Ariano Suassuna, iremos nos debruçar um pouco sobre as temáticas discursivas que tentaram forjar e fabricar um lugar para a cultura brasileira.

Brasil, cultura e discursos

Como já foi pontuado, as produções discursivas que envolveram o Brasil não foram poucas, e partiam sempre de um lugar de fala muito particular e privilegiado. Seria, então, uma espécie de luz intelectual que tentava clarificar os recônditos ainda indecifráveis da nação. O historiador Nicolau Sevcenko (1989) observa que o transcurso das metamorfoses urbanas e a entrada da modernidade é sempre acompanhado por sujeitos que tentam demarcar um espaço discursivo. Usam o seu lugar de poder para atrair e guiar a sociedade; são considerados arautos acadêmicos ou, como diz Sevcenko, se autodeclaram “mosqueteiros intelectuais”⁶. Os homens de talentos se postam como lumes, como representantes dos novos ideais, agindo de acordo com espírito da época; em suas concepções, a sociedade precisa ser encaminhada para novos rumos triunfantes, frente aos novos modelos que se insurgem. Os intelectuais tentam indicar, em suas modestas concepções, o caminho mais seguro para a sobrevivência e o futuro do país

O historiador Fábio Leonardo Castelo Branco Brito (2016), em seu estudo sobre as invenções da cultura brasileira, observa um verdadeiro mosaico poetizado de interpretações intelectuais e artísticas sobre o Brasil. Segundo ele, a história da cultura brasileira contemporânea é produzida no interior de manifestações estéticas, políticas ideológicas que são processadas desde o século XX. Quem compõe, como sublinha e indaga o historiador Fábio Leonardo, essa gosma fantasmagórica de interpretações sobre o Brasil? Entre alguns dos mais importantes para as pesquisas de cultura no Brasil destacam-se os saudosos e já mencionados Gilberto Freyre e Ariano Suassuna; também o escritor da infância no engenho José Lins do

⁵ Vale dizer que muitos estudos culturais sobre o Brasil não necessariamente receberam influência da Escola dos Annales; Gilberto Freyre é um exemplo, pois já fazia uma espécie de *Nova História* em seus estudos. Ver mais detalhes em: BURKE, Peter. **Gilberto Freyre e a nova história**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 9(2). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/YcJzrKnzGMRjsTWLk3YNqmy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 15 de agosto de 2023.

⁶ SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 78.

Humana Res, v. 5, n. 8, 2023, ISSN: 2675 - 3901 p. 273 – 292 agos. a dez. 2023. DOI: citado na pág. inicial do texto

Rego; Caetano Veloso e Gilberto Gil com suas misturas regionais e globais (Tropicalismo), e Jomard Muniz de Britto com a estilhaçante e pop filosofia do palhaço degolado⁷.

Entre o final dos anos 1950 e o início dos anos 1960, parecia ser possível perceber, tanto dentro quanto fora do Brasil, um sentimento latente de redescoberta. Segundo ainda o historiador Fábio Leonardo (2016), a própria ideia de identidade nacional ganhava espaço, ao mesmo tempo que coincidia com a influência de outros valores. Nesse momento de redescoberta e nessas condições históricas, a necessidade de pensar uma interpretação para o Brasil parecia estar se tornando o objetivo de um conjunto amplo de artistas e intelectuais. Uma coleção de temas diversos apareciam em diferentes debates no âmbito do pensamento social. É assim que, no final do século XIX e início do século XX, um discurso bem específico buscava abarcar a ideia de nacionalidade sob a égide da harmonia. Um dos seus maiores defensores foi o sociólogo pernambucano Gilberto de Melo Freyre.

Gilberto Freyre foi um dos grandes nomes da intelectualidade brasileira. Nasceu e morreu na cidade do Recife (1900-1987), e é considerado um polímata, tendo exercido vários compromissos intelectuais em múltiplas áreas do conhecimento. Atuou como sociólogo, poeta, desenhista, ensaísta, pintor, romancista, deputado, jornalista etc. Sua prolífica vida acadêmica o pôs em contato com muitos outros pesquisadores, principalmente no exterior; foram destes, por exemplo, que obteve forte influência para aprofundar e sistematizar suas pesquisas sobre a cultura brasileira. Freyre é também conhecido por atuar na fronteira entre a Antropologia, Sociologia e a História. De acordo com Daniel Pinho (2018), durante toda a vida o intelectual dedicou-se à imprensa cotidiana em periódicos como *O Diário de Pernambuco*, *A Província*, *Correio da Manhã*, o argentino *La Nación*, *O Cruzeiro* e o *Estado de São Paulo*⁸.

Gilberto Freyre desenvolve a sua sociologia enraizada na tese de que o brasileiro é um produto da intensa miscigenação que se deu nos trópicos. Ou seja, do contato com o branco europeu, da mistura com o indígena e com o negro africano nasceria uma cultura brasileira própria, híbrida, familiar e patriarcal. Suas pesquisas resultaram em seu *Magnum opus Casa-grande & Senzala*, publicado pela primeira vez em 1933. Nesse estudo, muito criticado por sua

⁷ BRITO, Fábio Leonardo Castelo Branco. **Visionários de um Brasil profundo**: invenções da cultura brasileira em Jomard Muniz de Brito e seus contemporâneos. 2016. 299 p. Tese (Doutorado em História Social) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, 2016, p. 19. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/21861/1/2016_tese_flcbbrito.pdf>. Acesso em 15 de agosto de 2023.

⁸ PARADA, Maurício. RODRIGUES, Henrique Estrada. (Orgs.). **Os historiadores vol. 04**: dos primeiros relatos a José Honório Rodrigues. Petrópolis: Vozes, 2018, p. 251.
Humana Res, v. 5, n. 8, 2023, ISSN: 2675 - 3901 p. 273 – 292 agos. a dez. 2023. DOI: citado na pág. inicial do texto

ARIANO SUASSUNA E GILBERTO FREYRE: IDENTIFICAÇÕES E INTERLOCUÇÕES DISCURSIVAS

liberdade imaginativa e pouco afeita aos rigores academicistas, Freyre discute o papel da economia agrária e patriarcal na vida cotidiana da sociedade brasileira, destacando as interferências e contribuições culturais das raças. Na sua obra, o branco, o indígena e negro se enlaçam em um enérgico e erótico movimento. Também em suas obras são discutidas as questões sobre a formação de uma espécie de democracia racial, o polêmico equilíbrio dos antagonismos, os condicionamentos climáticas e geográficos etc. A casa-grande e a senzala se alocam como um ambiente microfísico do poder.⁹

De acordo com Fábio Leonardo Brito (2016), o esforço de um ideal luso-brasileiro encontrado na obra de Gilberto Freyre se inseria em uma série de outros debates que, no mesmo período buscavam delimitar um lugar para o Brasil. Paulo Prado, por exemplo, estudaria sobre a tristeza do brasileiro e a sua conformação histórica do atraso cultural em *Retratos do Brasil* (1928); Sergio Buarque de Holanda, na década de 1930, analisava o conceito de “homem cordial” no artigo *Corpo e Alma do Brasil*, em 1935 (depois aprofundado na obra *Raízes do Brasil*); e Caio Prado Júnior elaborava também explicações para o Brasil através da obra *Formação do Brasil Contemporâneo*, de 1942, estudando as relações entre nação e colônia.

O Brasil construía-se através dos discursos. O Brasil dos anos de 1920, por exemplo, sentia a necessidade de inserir-se em uma metamorfose: era preciso tornar-se moderno. Essa tentativa de invenção e fabricação de um ideal de modernidade encontra inspiração emblemática a partir dos paradigmas que se elaborava em São Paulo, através da Semana de 1922 e do Manifesto Antropófago de 1928 – este liderado por Oswald de Andrade. O Brasil que desejava Oswald de Andrade, destaca o historiador Fábio Leonardo (2016), não era o do Ubirajara de José de Alencar, nem o do patriota Policarpo Quaresma, de Lima Barrero, ou mesmo o estigmatizado Jeca Tatu de Monteiro Lobato. A Antropofagia que se desejava envolvia a deglutição; era preciso deglutir tudo, absorver suas características para, enfim, criar uma fusão múltiplas de elementos.

A partir desse momento surgiram novos embates discursivos pelo local da cultura brasileira. Se de um lado as iniciativas do grupo paulista, encabeçado pelo folclorista Mário de Andrade e o escritor Oswald de Andrade, e os estudos de Sérgio Buarque de Holanda, no Rio de Janeiro, pensassem a universalidade de um Brasil novo, moderno e industrializado, centrado no eixo centro-sul, haveria, por outro lado, um novo embate liderado por intelectuais da região

⁹ PONTUAL, Virgínia. Tempos do Recife: representações culturais e configurações urbanas. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 21, n° 42, p. 417-434. 2001.
Humana Res, v. 5, n. 8, 2023, ISSN: 2675 - 3901 p. 273 – 292 agos. a dez. 2023. DOI: citado na pág. inicial do texto

Nordeste, com escritos que também tentavam buscar para si um lugar de origem para a cultura e a identidade nacional. Nasceram, então as valorizações do Nordeste. Era preciso considerar o caráter nacional e unificador brasileiro, ao mesmo tempo que era necessário evidenciar o regionalismo, o reconhecimento de um ser local de onde partiriam os elementos formadores da matriz identitária nacional.

É nesse contexto que surge o Congresso Regionalista do Nordeste de 1926, em Recife, tendo como um de seus principais organizadores e influenciadores o próprio Gilberto Freyre. O Congresso promovia uma espécie de salvaguarda da cultura nordestina de um lento desmoronamento, ameaçado pelos centros discursivos do Rio de Janeiro e São Paulo, além de tentar resgatar a região da intensa influência estrangeira e do exagerado cosmopolitismo. O movimento regionalista inaugurou um ideal de espaço geográfico recortado com características culturais próprias; um ideal inconformado, onde o Nordeste era diferente da miséria, da vida severina, retirante, sofrida. Um nordeste cheio de riquezas. De acordo com Fábio Leonardo Brito (2016), os dois movimentos, o paulista de 1922 e o regionalista pernambucano de 1926 mostravam-se igualmente como tentativas sistemáticas de ordenar um Brasil moderno. De um lado, os paulistas valorizavam o espaço do desenvolvimento, com os olhos voltados para o futuro; por outro, os pernambucanos defendiam a cultura como reduto da tradição, com olhos voltados para o passado. Os anos de 1950 e 1960 carregaram também essas disputas, configurando-se como momentos em que se tentava retomar as discussões sobre a significação do Brasil e da cultura brasileira. Nas disputas entre tradicional e moderno, em Recife, na escrita de uma série de intelectuais, o discurso da tradição mostrava-se vitorioso entre a primeira e a segunda metade do século XX. Um bom exemplo de uma defesa e compra do discurso das tradições se encontra na figura do paraibano Ariano Vilar Suassuna.

Um dos maiores expoentes na defesa de um discurso das tradições em Recife, entre os anos de 1960 e 1970, é a figura desse escritor e dramaturgo de Taperoá. Em 1963, na coluna “Conferências sobre Arte” do jornal *Última Hora*, o ator e diretor José Pimentel, ao ser indagado sobre a situação do teatro pernambucano dentro do movimento brasileiro atual, respondia: “Como já disse antes, o movimento renovador do teatro brasileiro partiu de Pernambuco, com Ariano Suassuna e seus posteriores seguidores. É o mais autêntico e o maior brasileiro de todos”¹⁰. Em 28 de setembro de 1963, no mesmo jornal, anunciava-se que Ariano Suassuna deveria ser também o novo delegado da classe teatral: “Marcha o teatro

¹⁰ Depoimentos de José Pimentel (II). *Última Hora*, terça-feira, 03 de setembro de 1963, p. 04
Humana Res, v. 5, n. 8, 2023, ISSN: 2675 - 3901 p. 273 – 292 agos. a dez. 2023. DOI: citado na pág. inicial do texto

ARIANO SUASSUNA E GILBERTO FREYRE: IDENTIFICAÇÕES E INTERLOCUÇÕES DISCURSIVAS

pernambucano a passos firmes para o caminho da democratização. Na reunião realizada [...], foi escolhida a lista tríplice para a escolha do novo delegado regional do Serviço Nacional do Teatro. Ariano Suassuna, com 13 votos [...]¹¹. Ele também fez parte da Comissão Pernambucana de Folclore¹², sendo membro da junta vogal ao lado de Getúlio César, René Ribeiro, Abelardo Rodrigues, entre outros. O dramaturgo, além disso, fora escolhido pelo presidente do Diretório Acadêmico da Escola de Belas Artes para falar sobre as raízes da arte brasileira¹³, além de ser solicitado para dar palestras que envolviam vários temas, como a filosofia e a cultura popular.

Ariano Suassuna. Famoso por seu teatro de fortes raízes populares. Conhecido por seus emblemáticos João Grilo e Quaderna, personagens que “parecem ser criadas com o intuito de se automartirizar”¹⁴. Poeta, dramaturgo, romancista, ensaísta e artista plástico, o dramaturgo nasceu em João Pessoa, capital do estado da Paraíba, em 16 de junho de 1927, vindo a falecer no Recife, em 23 de julho de 2014. Filho de João Suassuna e Rita de Cássia Dantas Villar, nasceu no Palácio do Governo, pois seu pai exercia, à época, mandato de "presidente", o que, de acordo com a Revista Hobicua (2015), correspondia ao atual cargo de governador. Terminado seu mandato, João Suassuna volta ao seu lugar de origem, o sertão, fixando-se na fazenda Acauhan, no atual município de Aparecida. Em 9 de outubro de 1930, quando Ariano Suassuna contava apenas com 3 anos de idade, seu pai, então deputado federal, é assassinado no Rio de Janeiro, vítima das cruéis lutas políticas que açoitaram a Paraíba durante a Revolução de 1930. É no sertão da Paraíba que Ariano passa boa parte da infância, primeiro na fazenda Acauhan, depois no município de Taperoá. A partir de 1942, sua família fixa-se no Recife, onde o dramaturgo iniciará a sua vida literária com a publicação do poema "Noturno", a 7 de outubro de 1945. Ao ingressar na Faculdade de Direito, em 1946, liga-se ao grupo de estudantes que retoma o Teatro do Estudante de Pernambuco (TEP).

A trajetória intelectual e cultural de Ariano Suassuna ajuda-nos a pensar as motivações por trás de suas defesas. Em 1960, é criado em Pernambuco o Movimento de Cultura Popular (MCP), e os debates sobre a cultura do povo ganhavam novos destaques, tornando-se cada vez mais acirrados na perspectiva de uma valorização da região Nordeste. Segundo a autora Maria Thereza Didier (2000), Pernambuco vai se configurando como um dos principais lócus

¹¹ Ariano deverá ser o novo delegado. **Última Hora**, segunda-feira, 23 de setembro de 1963, p. 04.

¹² Comissão do Folclore. **Diário da Manhã**. Recife, 20 de dezembro de 1965, p. 04.

¹³ Conferências sobre Arte. **Última Hora**. Domingo, 09 de junho de 1963, p. 04.

¹⁴ KREIMER, Samuel. **Última Hora**. Bem rápidas. Sábado, 20 de abril de 1963, p. 06.

aglutinadores dessas fomentações e discussões¹⁵. Ariano Suassuna, por exemplo, foi sócio fundador do MCP, em Recife. O escritor estava ligado a muitos movimentos culturais, atuando assiduamente em Pernambuco, particularmente nas décadas de 1960 e 1970; a sua participação no Teatro Popular do Nordeste (TPN), é exemplo disso. Suas atuações no Teatro dos Estudantes de Pernambuco, no Teatro Popular do Nordeste, no Movimento de Cultura Popular, como membro fundador do Conselho Federal de Cultura (1967) e como diretor no Departamento de Extensão Cultural da UFPE (1969), possibilitam compreender o quanto os seus engajamentos político-culturais são consideráveis para a fabricação e organização da iniciativa artística de outubro de 1970, ou seja, o Movimento Armorial, encabeçado por Ariano Suassuna.¹⁶ O paraibano também participou ativamente como colunista dos jornais *Diário de Pernambuco* e *Jornal do Commercio*, além de escrever alguns artigos para a *Revista Brasileira de Cultura*.

Aproximações e identificações

Gilberto Freyre e Ariano Suassuna, como foi percebido através de suas trajetórias intelectuais e defesas pessoais, foram dois nordestinos que tentaram interpretar o Brasil pelo viés da sua cultura. Ambos procuraram legitimar um lugar para a cultura brasileira através das experiências que atravessaram seus circuitos academicistas, e ambos tentaram em seus discursos tradicionais promover a região Nordeste como o “berço” da cultura e da identidade nacional. Tanto o “Mestre de Apipucos” quanto o dramaturgo de Taperoá investiram em pesquisas sérias, participando de movimentos regionalistas e elaborando teses que redirecionavam a cultura brasileira para as raízes populares do Nordeste.

De acordo com Durval Muniz de Albuquerque Júnior, o Nordeste teve a sorte de contar com intelectuais de enorme talento e que conseguiram fabricar um imaginário extremamente rico e forte. “E isso é muito difícil de se contestar porque contamos com pessoas da qualidade de José Lins, Graciliano Ramos, Ariano Suassuna, Gilberto Freyre, pessoas com uma enorme capacidade de criação de imagem”¹⁷.

¹⁵ MORAES, Maria Thereza Didier de. **Emblemas da sagração armorial**: Ariano Suassuna e o Movimento Armorial (1970-76). Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2000.

¹⁶ No Departamento de Extensão Cultural da Universidade Federal do Pernambuco, Ariano sintetizou e sistematizou estudos sobre as raízes culturais brasileiras, cujos resultados contribuíram para as atividades do que veio a ser conhecido como Movimento Armorial. In: MORAES, Maria Thereza Didier de. **Emblemas da sagração armorial**: Ariano Suassuna e o Movimento Armorial (1970-76). Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2000, p. 40.

¹⁷ Entrevista com Durval Muniz disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/573122-o-nordeste-e-uma-invencao-das-elites-agrarias>. Acesso em 15 de agosto de 2023.

Humana Res, v. 5, n. 8, 2023, ISSN: 2675 - 3901 p. 273 – 292 agos. a dez. 2023. DOI: citado na página inicial do texto

ARIANO SUASSUNA E GILBERTO FREYRE: IDENTIFICAÇÕES E INTERLOCUÇÕES DISCURSIVAS

Freyre e Suassuna possuem muitos encontros de ideias. Rastreamos nesta pesquisa um conjunto de concepções que aproximam os dois intelectuais nordestinos, colocando-os em sintonias discursivas. Foi observado o quanto os dois compartilham de convicções semelhantes, tanto em suas defesas ferrenhas por uma local de cultura, quanto no pensamento social e político. Vamos iniciar pelo lugar social dos dois personagens.

Tanto Ariano Suassuna quanto Gilberto Freyre possuem um discurso legitimado e privilegiado, seja em suas posições sociais ou em seus comprometimentos políticos e intelectuais. Gilberto Freyre habitou em amplo e respaldado círculo artístico-cultural. Fez amizades com José Lins do Rego, Manuel Bandeira, Sérgio Buarque de Holanda, com o compositor Villa-Lobos, Prudente de Moraes¹⁸. Também era filho de um Juiz de Direito, o Dr. Alfredo Freyre, catedrático da disciplina de Economia Política na Faculdade de Direito do Recife. Ter um pai imerso no mundo acadêmico e intelectual permitiu a Gilberto uma infância envolta em livros, visitas acadêmicas e conversas acaloradas¹⁹. Ariano Suassuna também vinha de família abastada e tradicional, sendo os Suassunas proprietários de terras e da fazenda chamada Acauã. Como Freyre, Ariano deve muito de sua educação ao pai. Em entrevista feita por Douglas Machado, concedida à Revista *Hoblicua* (Recife, 2003), quando indagado sobre como a biblioteca de João Suassuna foi decisiva em sua formação, o dramaturgo responde: “[...] foi uma influência fundamental essa biblioteca que ele nos deixou. Foi nos exemplares de livros deixados por ele que eu li pela primeira vez os livros de Eça de Queiroz, [...]”²⁰. Ariano ainda destaca ter lido nessa biblioteca, pela primeira vez, as obras de Euclides da Cunha, Júlio Ribeiro e Aluísio de Azevedo: “Enfim, eu li uma porção de livros que faziam parte do acervo da biblioteca que ele deixou. E esses livros foram fundamentais na minha formação”²¹.

Sobre os engajamentos e inclinações políticas, constata-se que Gilberto Freyre, tal como Ariano Suassuna, teve uma vida política marcada por muitas opções contraditórias. Sobre esse aspecto na vida de Freyre, Daniel Pinha (2018) pontua:

[...] Sofreu diversos tipos de perseguição política enquanto Getúlio Vargas esteve no poder entre os anos de 1930 e 1945. Assessor de Estácio Coimbra, governador de Pernambuco, opositor político de Vargas, foi obrigado a

¹⁸ É provável que a escrita fluente e ensaística de Gilberto Freyre, criticada como livre, imaginativa e sem rigor científico, seja resultado da familiaridade com tais círculos culturais. In: PARADA, Maurício. RODRIGUES, Henrique Estrada. (Orgs.). **Os historiadores vol. 04:** dos primeiros relatos a José Honório Rodrigues. Petrópolis: Vozes, 2018, p.255.

¹⁹ Embora, de acordo com Daniel Pinha, curiosamente Gilberto Freyre tenha tido muita dificuldade na alfabetização. *Ibidem.*, p. 251.

²⁰ **Hoblicua:** especial Ariano Suassuna. n.02, pedra armorial, Teresina, Piauí, 2015, p. 74 e 75.

²¹ *Ibidem.*, p. 75.

afastar-se do país logo após a Revolução de 1930. Em 1942, é preso no Recife por ter denunciado, em artigo publicado no Rio de Janeiro, atividades nazistas e racistas no Brasil, associando-as ao governo Vargas. [...] É eleito deputado federal pela UDN em 1946, vindo a participar da Assembleia Constituinte, permanecendo na casa legislativa por apenas um mandato, apesar da tentativa de reeleição em 1950. Em relação à Ditadura Militar, é questionado por críticos, não apenas por não ser muito "incomodado" pelos militares, mas também por receber honrarias em universidades brasileiras durante a vigência do regime, especialmente na década de 1970²².

Acerca deste fragmento é importante dizer que Gilberto Freyre não se incomodava com as políticas rígidas e militares que acometiam o Brasil durante o Regime Militar. Além disso, o sociólogo ainda recebia honrarias brasileiras durante a permanência do regime. Uma entrevista concedida a Ricardo Noblat para a revista *Playboy*, em março de 1980, confirma as posições de Gilberto Freyre acerca do Golpe de 1964: “Eu me defini a favor desse movimento sem que isso implicasse uma adesão política”. E quando perguntado se havia conspirado ou estava a par do que se tramava em 1964, Freyre responde: “Não estava intimamente a par, mas eu já captava alguma coisa do que se passava. O general Castello Branco, então comandante do IV Exército, frequentava muito a minha casa, mas vinha para conversar, não para conspirar”²³. Da mesma forma, Ariano Suassuna, segundo Albuquerque Júnior, colocava-se como apoiador ostensivo do golpe militar de 1964, tornando-se, em 1967, um dos fundadores do Conselho Federal de Cultura. De acordo com Durval Muniz (2011), Ariano defendia que a Igreja e o exército eram as únicas instituições capazes de ordenar a sociedade brasileira, “de manter a ordem e a independência da nação, contra as forças estrangeiras, o cosmopolitismo que tendem a destruí-la”²⁴. Justificando seu apoio às forças armadas do período, Ariano Suassuna argumenta nas páginas do *Diário de Pernambuco*, em 1977:

Sei que afirmando e reafirmando a importância que dou às forças armadas no campo da política brasileira, incorro nas iras, ou, nos melhores casos, no desagrado daqueles que vêem o exército brasileiro como uma espécie de 'expressão do mal'. (...) **O motivo principal de eu, em princípio, dar meu apoio aos Soldados é que, não tendo partido, meu partido é o Brasil - e o único Partido que eu vejo com organização e força suficientes para comandar o nosso processo de emancipação é a Força Armada brasileira.** [...] De minha parte, como escritor, sei que estou cometendo um verdadeiro suicídio ao me opor a essas forças. Mas vendo perfeitamente de onde ela parte, acho que basta sua origem para tornar suspeita aquela campanha que a falsa

²² PARADA, Maurício. RODRIGUES, Henrique Estrada. (Orgs.). **Os historiadores vol. 04**: dos primeiros relatos a José Honório Rodrigues. Petrópolis: Vozes, 2018, p.254.

²³ Entrevista conduzida por Ricardo Noblat, publicada na **Revista Playboy**, março de 1980.

²⁴ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2011, p. 187.

ARIANO SUASSUNA E GILBERTO FREYRE: IDENTIFICAÇÕES E INTERLOCUÇÕES DISCURSIVAS

Esquerda brasileira - festiva, cega e irresponsável como sempre - não se envergonha de apoiar (grifo meu)²⁵.

De acordo com Ariano Suassuna, o próprio Brasil seria o motivo de seu apoio aos militares. Como observa o historiador Duval Muniz (2011), o exército para Ariano é o substituto do chefe sertanejo desaparecido, capaz de dar “unidade, hierarquia e disciplina” à nossa sociedade, que se via ameaçada pela sociedade urbana e industrial de aniquilamento e declínio da ordem. O exército, segundo ele, “era uma força salvacionista que sempre intervieria na história do Brasil, nos momentos de perigo”²⁶.

Os dois personagens históricos também possuem um sinuoso discurso tradicional. Ambos viveram rodeado por livros, habitaram círculos sociais privilegiados, e tiveram um lar e uma educação onde circulavam cotidianamente ideias literárias. Ainda sobre o viés político, é correto afirmar que os dois intelectuais ainda simpatizavam com as ideias monarquistas. Em entrevista para a *Revista Veja*, Gilberto Freyre (1970) respondia sobre tais inclinações, ao mesmo tempo que comentava sobre as posições políticas de Ariano Suassuna:

VEJA – *Em recente entrevista, Ariano Suassuna confessou-se monarquista – seria o regime ideal para o povo brasileiro?*

GF – Quando se diz regime ideal, já se vai para o campo quase fora do concreto e do histórico. Eu creio que o Suassuna tem razão em considerar que a Monarquia no Brasil foi o regime que melhor correspondeu à situação brasileira, porque prestou grandes serviços. Evitou a fragmentação do Brasil em republiquetas, tudo isso nós devemos à Monarquia²⁷.

“Eu creio que o Suassuna tem razão em considerar que a Monarquia no Brasil foi o Regime que melhor correspondeu à situação brasileira, porque prestou grandes serviços”. Diante desse pensamento, podemos perceber que o autor de *Casa-grande & Senzala* também simpatizava com um passado imperial. Em entrevista para a *Folha de São Paulo* (1991), Ariano Suassuna destaca suas opiniões sobre a monarquia brasileira:

Folha - Como é que o sr. se aproximou do monarquismo do ponto de vista intelectual?

Suassuna - Eu vou explicar. A minha simpatia pelo regime monárquico começou muito cedo na infância, através da influência de um tio meu, Joaquim Duarte Dantas, monarquista e católico. Ele lia para mim trechos e mais trechos de um livro português escrito por um certo Antero de Figueiredo, que hoje

²⁵ “Brasil, Exército e Esquerda”. *Diário de Pernambuco*, Caderno Opinião, p. A-13, 04 de setembro de 1977.

²⁶ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do nordeste e outras artes*. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2011, p. 187.

²⁷ Entrevista – Gilberto Freyre – *Revista Veja*, 1970: Disponível em:

<https://leiturasdiversas.wordpress.com/2017/05/27/entrevista-gilberto-freyre-revista-veja-1970/>. Acesso em 15 de agosto de 2023..

está meio fora de moda, mas a quem ele admirava muito. E o livro de Antero era sobre d. Sebastião. Um dos motivos que me levavam para a monarquia era o motivo estético. A monarquia é mais bonita do que a república. Plasticamente, pelo ritual, pela liturgia, por tudo. Então, eu sou um escritor e um artista e eu tenho uma natural atração pela beleza, pelas coisas bonitas. Agora, por outro lado, a própria visão do povo brasileiro é uma visão mais monárquica do que republicana²⁸.

Assim como o exército é sinal de ordem, para Suassuna o regime monárquico é sinônimo de beleza, ritual e catolicismo. Segundo os dois intelectuais saudosistas, a monarquia prestou melhores serviços à nação e, por isso, pode ser considerada “mais bonita do que a república”. Os dois intelectuais também são escritores engajados em pesquisas acadêmicas. Todas as suas defesas sobre um lugar demarcado para o Nordeste não se congelaram apenas em ideias soltas. Ambos tiveram uma produção sistematizada e prolífica, tendo as suas obras publicações e engajamentos em vários países. Ariano Suassuna, por mais que seja conhecido por sua produção literária e teatral, também foi um intelectual acadêmico, sendo catedrático da disciplina de Estética na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Ele também organiza academicamente suas ideias. Sob o título de *A Onça Castanha e a Ilha Brasil: uma reflexão sobre a cultura brasileira* – tese de livre docência apresentada em 1976 ao Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFPE – Ariano Suassuna sistematizaria o seu pensamento de defesa à cultura nordestina como cultura nacional, organizando metodologicamente o seu discurso como forma de legitimar, no formato de uma pesquisa séria, o seu pensamento e suas propostas. Sobre isso ele pontua:

[...] o que se tentará aqui é fixar algumas marcas essenciais que caracterizam a Cultura brasileira daí surgida. É claro que, ao tentar isso, estou consciente da ousadia do empreendimento, pois terei de examinar o problema sob aspectos filosóficos, sociológicos, históricos, psicológicos, estéticos, críticos, literários e artísticos. A Cultura brasileira é o todo, de modo que, para ser abarcada, tem de ser intuída sob o maior número possível de pontos de vista²⁹.

Ariano Suassuna, como Gilberto Freyre, organiza seu pensamento sobre o Brasil em locais demarcadamente privilegiados, usando o espaço acadêmico para legitimar seus discursos. Também ambos sistematizam suas pesquisas sobre a cultura brasileira pensando-a sobre aspetos sociológicos e contextos históricos. Porém, o que mais parece aproximar os dois

²⁸ Entrevista com Ariano Suassuna. **Folha de São Paulo**. Sábado, 26 de outubro de 1991. Disponível em: http://almanaque.folha.uol.com.br/leituras_16jun00.htm. Acesso em 15 de agosto de 2023.

²⁹ SUASSUNA, Ariano. **A onça castanha e a Ilha Brasil**: Uma reflexão sobre a Cultura Brasileira. 1976. 200 p. Tese de livre-docência - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, concurso para a disciplina História da Cultura Brasileira, Recife, 1976, p. 03.
Humana Res, v. 5, n. 8, 2023, ISSN: 2675 - 3901 p. 273 – 292 agos. a dez. 2023. DOI: citado na pág. inicial do texto

ARIANO SUASSUNA E GILBERTO FREYRE: IDENTIFICAÇÕES E INTERLOCUÇÕES DISCURSIVAS

intelectuais é o engajamento e a defesa ferrenha por uma valorização do Nordeste e de sua extensa cultura.

Em um especial da *Folha de Pernambuco*, em comemoração aos oitenta anos de Ariano Suassuna, a revista estampava em letras garrafais as máximas “Guardião da valorização nordestina”, referindo-se ao paraibano, e “Verdadeira cultura brasileira”, apontando a iniciativa artística e cultural de 1970. Sobre o Movimento Armorial, criado pelo Ariano, a revista destaca: “O Movimento [...] investe-se sempre de substantivo “valorização”, entenda-se valorização e elevação do folclore do Nordeste a uma pretensa linguagem erudita verdadeiramente brasileira”³⁰. Uma publicação realizada pela editora Cosac Naify chamada “Ariano Suassuna: o valor das raízes populares em nossa cultura”³¹ sublinha que o objetivo do Movimento encabeçado pelo dramaturgo é o de valorizar a cultura popular do Nordeste brasileiro, pretendendo realizar uma arte brasileira erudita a partir das raízes populares da cultura do país.

Tais discursos promoviam Ariano como arauto da cultura popular. O guerreiro heráldico do povo. Ariano Suassuna, dessa forma, via o Nordeste como o centro da cultura brasileira e o âmago da cultura nacional. Foi por isso que ele criou, em outubro de 1970, a já mencionado iniciativa estética de 1970, contemplando várias expressões da cultura e da arte nordestinas. Na apresentação de uma publicação feita pelo próprio Ariano Suassuna em 1974, organizada pela UFPE e intitulada “O Movimento Armorial”, se lia:

A valorização da cultura popular do Nordeste Brasileiro, buscando-se fixar em os seus vastos campos da literatura de cordel à música, da cerâmica à escultura, da gravura à tapeçaria, da pintura aos espetáculos de rua, entre outros aspectos, a sua valiosa contribuição como expressão do pensamento nacional, há de ser, sem dúvida, encargo das universidades regionais. Nessa tarefa tem-se que perquirir as origens de nossa cultura, respeitando sua forma pura e simples de apresentação, e procurando encontrar, como bem diz SUASSUNA, uma Arte e uma Literatura eruditas nacionais, com base em suas raízes populares.
Esse é o objetivo do Movimento Armorial, inspirado e dirigido por ARIANO SUASSUNA, contando com a valorosa contribuição e decidida cooperação de uma plêiade de artistas e escritores, lidimas expoentes de nossa cultura, e, sobretudo, de representantes de nossa elite estudantil (grifo meu)³².

³⁰ CARVALHO, Paulo. Ariano Suassuna: 80 anos. *Folha de Pernambuco* - especial. Sábado, Recife, 10 de janeiro de 2007.

³¹ FICTÍCIO, Aurélio. Ariano Suassuna – **O valor das raízes populares em nossa cultura**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013 (republicado pela editora Cosac Naify).

³² SAMICO, Armando. À guisa de apresentação. **O Movimento Armorial**. Recife: UFPE, 1974, p. 05.
Humana Res, v. 5, n. 8, 2023, ISSN: 2675 - 3901 p. 273 – 292 agos. a dez. 2023. DOI: citado na pág. inicial do texto

Segundo Ariano Suassuna, a valorização do Nordeste se daria nas múltiplas esferas: literatura, cordel, xilogravura, tapeçaria, música, teatro, arquitetura. Era preciso juntar todas as artes, misturá-las, cada um no seu nicho, para assim ganhar ressonância e força pelo Brasil e pelo mundo. O Movimento, de acordo com o dramaturgo, ganhou tamanha magnitude e evidência, que em entrevista ao *Diário de Pernambuco* na ocasião dos 50 anos de *O Auto da Compadecida*, Ariano Suassuna afirmou as seguintes palavras: “Foi um movimento revolucionário. É absolutamente evidente que hoje se dá importância e valoriza-se a cultura popular porque desbravamos esse caminho”³³.

Ainda sobre a valorização da cultura local pela ressonância do Movimento Armorial, uma matéria especial feita pelo *Diário de Pernambuco* sob o título “Sagração de um guerreiro” descrevia:

Elemento fundamental nas manifestações culturais da esquerda e da direita no país, o nacional-popular, no qual Ariano se alimentou em seu retorno ao sertão, **ganhou conotações pejorativas com a ascensão do regime militar quando a ditadura usou seu poder coercitivo como ela agregador de uma noção de Brasil. Nesse período, com a censura às produções que não comunhavam da mesma proposta nacionalista da política ditatorial, a indústria de bens simbólicos estrangeiros, sobretudo as tendências da massa da cultura americana, cresceram significativamente a ponto de garantir um público consumidor cativo de discos, livros e filmes de países da língua inglesa como Londres e Nova York. Com seu Armorial, Ariano volta-se contra essa “invasão”**. E retorna para um passado idílico concebido em sua visão romântica e telúrica que inclui brasões, raízes heráldicas e demais ícones identificados como conservadores por serem associados aos símbolos de status e legitimidade do Regime Militar (grifo meu)³⁴.

O fragmento evidencia, tal como em Freyre, as muitas contradições que envolvem o personagem Ariano Suassuna. Por um lado, o dramaturgo apoiava movimentos conservadores tidos por ele como bastões da ordem, por outro, condenava as influências estrangeiras advindas do período político em questão. A matéria continua explicando que a identificação de Ariano como conservador vai mais além, pois via a cultura popular como guardião da tradição e local de conservação dos valores mais autênticos da identidade brasileira: “O Nordeste [...] passa a ser um celeiro dessas tradições, incorporando a ideia evolucionista de representar a infância de um país, um lugar que não se desenvolveu e, por isso, preservou a tradição”³⁵. Ariano Suassuna, em entrevista feita por Douglas Machado para a Revista *Hoblicua* (2015), discorre sobre o seu desejo de criar uma cultura brasileira longe de influências europeias. De acordo com Ariano

³³ Sagração de um guerreiro. *Diário de Pernambuco*. Recife, sexta-feira, 15 de junho de 2007, p.02

³⁴ Sagração de um guerreiro. *Diário de Pernambuco*. Recife, sexta-feira, 15 de junho de 2007, p.02

³⁵ *Ibidem*.

ARIANO SUASSUNA E GILBERTO FREYRE: IDENTIFICAÇÕES E INTERLOCUÇÕES DISCURSIVAS

Suassuna, era urgente lutar contra um processo de descaracterização e vulgarização da cultura brasileira. Para ele, o Movimento Armorial servia como catalizador desse ideal.

Se por volta dos anos de 1960, o discurso tradicional e conservador de Ariano lutava contra as influências estrangeiras na cultura brasileira, antes ainda, em 1926, e da mesma forma, Gilberto Freyre já declarava as mesmas opiniões defendendo, com um discurso quase obsessivo, o Nordeste e a sua cultura. Em um dos mais conhecidos trechos do seu Manifesto Regionalista (1926), Freyre defende:

Talvez não haja região no Brasil que exceda o Nordeste em riqueza de tradições ilustres e em nitidez de caráter. Vários dos seus valores regionais tornaram-se nacionais depois de impostos aos outros brasileiros menos pela superioridade econômica que o açúcar deu ao Nordeste durante mais de um século do que pela sedução moral e pela fascinação estética dos mesmos valores [...]. **Como se explicaria, então, que nós, filhos de região tão criadora, é que fôssemos agora abandonar as fontes ou as raízes de valores e tradições de que o Brasil inteiro se orgulha ou de que se vem beneficiando como de valores basicamente nacionais?** (grifo meu).³⁶

O fragmento elogia o Nordeste e toda a sua cultura, sendo ela tão forte que é inadmissível que não se torne “valor nacional”. Semelhante ao que Ariano propõe, é o Nordeste que o Brasil se orgulha, ou que precisa se orgulhar. Para o sociólogo pernambucano, o Brasil é isto: combinação, mistura, fusão. No seu discurso ele ainda destaca a força de Joaquim Nabuco, Silvio Romero, José de Alencar, Floriano, Padre Ibiapina, Telles Júnior, Capistrano de Abreu, Augusto dos Anjos, Rosalvo Ribeiro, Augusto Severo e Auta de Sousa como grandes expressões da cultura nordestina e do espírito brasileiro.

Ainda no Manifesto de 1926, Gilberto Freyre destaca as suas opiniões contra os excessos de estrangeirismos: “Daí ser perigoso falar-se [...] num novo “sistema” quando o caminho indicado pelo bom senso para a reorganização nacional parece ser o dar-se[...] atenção ao corpo do Brasil, vítima [...] das estrangeirices que lhe têm sido impostas”³⁷. Gilberto vai além e denuncia a perda natural, culinária, e o desaparecimento da cultura material nordestinas, vencidos pelos estrangeiros e até pelo “cosmopolitismo” do Rio de Janeiro:

Não é só o arroz doce: todos os pratos tradicionais e regionais do Nordeste estão sob a ameaça de desaparecer, vencidos pelos estrangeiros e pelos do Rio. O próprio coco verde é aqui considerado tão vergonhoso como a gameleira, que os estetas municipais vêm substituindo pelo “ficus benjamim”, quando a arborização que as nossas ruas, parques e jardins pedem é a das boas árvores

³⁶ FREYRE, Gilberto. **Manifesto Regionalista**. 7.ed. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1996, p. 03.

³⁷ *Ibidem.*, p. 02.

matriarcais da terra ou aqui já inteiramente aclimadas: pau d'arco, mangueira, jambeiro, palmeira, gameleira, jaqueira, jacarandá³⁸.

Para Freyre, como ele denuncia no Manifesto, toda a tradição está em declínio, “ou pelo menos em crise no Nordeste”. Para o sociólogo, uma cozinha em crise, por exemplo, significa uma civilização inteira em perigo. Os dois personagens compartilham tantas contradições, que ao tempo que condenam influências estrangeiras, promovem um discurso ibérico, elogiando a cultura brasileira como reduto de empréstimos e influências de europeus. No mesmo manifesto abordado supra, Gilberto Freyre elogia os valores de europeus, lusitanos e africanos que chegaram ao Nordeste:

[...] o Nordeste tem o direito de considerar-se uma região que já grandemente contribuiu para dar a cultura ou à civilização brasileira autenticidade e originalidade e não apenas doçura ou tempero. Com Duarte Coelho madrugaram na Nova Lusitânia valores europeus, asiáticos, africanos que só depois se estenderam a outras regiões da América Portuguesa. Durante a ocupação holandesa, outros valores aqui surgiram ou foram aqui recriados para benefício do Brasil inteiro. Apenas nos últimos decênios é que o Nordeste vem perdendo a tradição de criador ou recriador de valores para tornar-se uma população quase parasitária ou uma terra apenas de relíquias: o paraíso brasileiro de antiquários e de arqueólogos. (grifo meu)³⁹.

Este fragmento possui o elogio dos valores europeus, asiáticos e africano que tiveram a honra de chegar, primeiramente, à Capitania de Pernambuco, ou como era chamada antes, Nova Lusitânia. Depois, segundo Freyre, é que tais valores se estenderam a outras regiões. Segundo Antonio Paulo Rezende (2016), há uma característica bem peculiar em Freyre, que é a de não se mostrar angustiado com a herança cultural brasileira, não poupando elogios aos bons envolvimento do colonizador com os trópicos. “Onde muitos viram desencanto, Freyre destaca originalidade e não se afoga em lamentos”⁴⁰.

Da mesma forma, Ariano Suassuna se contradiz e tropeça em antagonismos ao fazer um elogio dos muitos empréstimos que a cultura nordestina toma, tanto dos povos ibéricos quanto dos valores medievais. No artigo “A arte popular no Brasil”, publicado pela *Revista Brasileira de Cultura* em outubro de 1969, Ariano argumenta:

[...] a cultura europeia, principalmente a ibérica, que forma uma raiz-tronco da Cultura brasileira, está povoada de elementos populares. Isto desde começos, como já mostrei: se Virgílio e Camões pertencem a uma corrente mais polida, erudita e livresca, Homero, Cervantes e Gil Vicente

³⁸ FREYRE, Gilberto. **Manifesto Regionalista**. 7.ed. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1996, p. 08.

³⁹ Ibidem., p.03.

⁴⁰ REZENDE, Antonio Paulo. **(DES)encantos modernos: histórias da cidade de Recife na década de vinte**. Pernambuco: Editora UFPE, 2016, p. 187.

ARIANO SUASSUNA E GILBERTO FREYRE: IDENTIFICAÇÕES E INTERLOCUÇÕES DISCURSIVAS

são clássicos mais ligados à áspera e forte corrente da Literatura popular - aos cantos dos aedos, às gestas do Romanceiro, às novelas, contos e racontos orais, às farsas populares representadas nos tablados das praças públicas (grifo meu)⁴¹.

Para o paraibano, o âmago da cultura brasileira é formado por uma cultura europeia, principalmente ibérica. Os esmaltes da heráldica, os estandartes e brasões medievais e ibéricos, com toda a sua simbologia, também servirão de inspiração a Ariano Suassuna na montagem e fabricação de um “Nordeste Armorial”. Dessa forma, os dois intelectuais criticam e elogiam estratos e camadas presentes no “legado” europeu à cultura brasileira.

Os dois autores também não simpatizavam muito com as ideias marxistas, nem com as suas teorias. Em uma passagem de *Casa-grande & senzala*, Gilberto Freyre demonstra o seu profundo distanciamento em relação aos pressupostos marxistas, mesmo que reconhecesse a qualidade desta teoria na análise das estruturas econômicas. De acordo com Daniel Pinha (2018), de fato o caminho traçado por Gilberto Freyre em suas análises sobre a composição social brasileira é bem distinto dos pressupostos marxistas; isso porque, “enquanto os marxistas operam fundamentalmente com a lógica do conflito de classes como motor da história, Freyre realça como ideia-chave o equilíbrio de antagonismos”⁴². Ariano Suassuna, em entrevista para a *Folha de São Paulo*, também dá o seu parecer com relação as marxistas:

Folha - Mas quando o sr. escreveu "A Pedra do Reino" o sr. era um monarquista?

Suassuna - É verdade. Mas eu vou concluir o que eu estava dizendo: que sempre fui socialista, **mas sempre tive horror ao marxismo. Eu acho o marxismo um pensamento estreito, castrador**. Eu não me entendia com os comunistas brasileiros porque achava que eles agiam com faca de dois gumes, com pau de dois bicos (grifo meu)⁴³.

Horror ao marxismo. Pensamento estreito, castrador. Essas eram as formas de Ariano Suassuna pensar o marxismo. Do lado de Freyre, de acordo com José Carlos Reis (2007), o pensamento marxista brasileiro veio se opor vigorosamente ao do sociólogo. Florestan Fernandes e sua equipe de pesquisadores, que produzirão entre os anos de 1960 e 1970,

⁴¹ SUASSUNA, Ariano. A Arte Popular no Brasil. *Revista Brasileira de Cultura*. MEC. V. I, nº2, out/dez. de 1969, p. 39-40.

⁴² PARADA, Maurício. RODRIGUES, Henrique Estrada. (Orgs.). *Os historiadores vol. 04: dos primeiros relatos a José Honório Rodrigues*. Petrópolis: Vozes, 2018, p. 255.

⁴³ Ariano Suassuna. Entrevista à *Folha de São Paulo*, sábado, 26 de outubro de 1991. Disponível em: http://almanaque.folha.uol.com.br/leituras_16jun00.htm. Acesso em 15 de agosto de 2023.

Humana Res, v. 5, n. 8, 2023, ISSN: 2675 - 3901 p. 273 – 292 agos. a dez. 2023. DOI: citado na página inicial do texto

“pensarão um Brasil com os conceitos de “classe social” e luta de classes”, e vão se opor à visão idílica do Brasil colonial produzido por Freyre”⁴⁴.

Considerações finais

Em um prefácio chamado “Teatro, região e tradição”, feito por Ariano Suassuna para o livro *Gilberto Freyre: sua filosofia, sua arte* (1962), o escritor e dramaturgo elencava alguns aspectos da obra de Freyre, ao mesmo tempo que atribuía ao sociólogo muitas de suas referências e inspirações: “[...] não temerei confessar influências recebidas, dele como de outros: esta é uma atitude pouco generosa e tola. Aliás, se fosse me referir a todas elas, seria um nunca-acabar”⁴⁵. Segundo Ariano, a obra de Gilberto Freyre, único sociólogo que ele lia⁴⁶, sempre se renova e se procura. Ariano Suassuna e Gilberto Freyre. Dois nordestinos. Dois discursos tradicionais. Dois saudosistas. Dois personagens contraditórios. Um objetivo: a valorização do Nordeste. Valorização em suas múltiplas esferas: econômica, material, histórica, artística e, principalmente, cultural. Inseridos dentro de uma época e contexto onde o Brasil viveu intensos debates que pretendiam legitimar e demarcar um lugar de cultura, os dois intelectuais engajados uniram seus saberes intelectuais e pesquisas para redirecionar a atenção e o olhar para um novo lugar de cultura. O sociólogo e o dramaturgo se viram na grande missão de transformar uma região que estava surrada por discursos preconceituosos e estereotipados no berço da cultura nacional. Em seus discursos, a região Nordeste era o centro da nação; era o recinto do que o país tinha de mais original e tradicional.

Compartilhando ideias, posicionamentos políticos e produções discursivas, tanto Ariano Suassuna, como Gilberto Freyre, procuraram legitimar esse local do Nordeste como o catalisador da novidade cultural. Os dois elogiaram as tradições, os dois aplaudiram as influências ibéricas, barrocas, medievais, e defenderam com escudos heráldicos a cultura material e imaterial nordestinas. O Nordeste idealizado por Ariano é o do sertanejo, o do sertão sagrado, místico, lembrando uma sociedade de corte e de cavalaria; o Nordeste de Freyre é do açúcar, é o Nordeste ecológico, de árvores gordas, oleoso, o Nordeste do massapê, onde “nunca

⁴⁴ REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil**: de Varnhagen a FHC. 9.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007, p. 59.

⁴⁵ SUASSUNA, Ariano. **Almanaque armorial**. Seleção, organização e prefácio de Carlos Newton Júnior. Rio de Janeiro: José Olympio, 2018, p. 43.

⁴⁶ Ibidem., p. 49.

ARIANO SUASSUNA E GILBERTO FREYRE: IDENTIFICAÇÕES E INTERLOCUÇÕES DISCURSIVAS

deixa de haver uma mancha de água”⁴⁷. Mas, ainda que os dois intelectuais possuam idealizações diferentes de um projeto de Nordeste, não deixaram de ter fortes identificações e interlocuções discursivas.

Possuindo um desejo de legitimar suas produções e projetos, tendo lugar social, cultural e intelectual privilegiado, além de possuírem legitimidade nos espaços da imprensa, os dois intelectuais nos dão indícios históricos para entender os dois lados de um mesmo discurso: ao tempo que promoviam uma defesa e salvaguarda do Nordeste, performando em múltiplos espaços o elogio do regionalismo, também não deixam de ocultar um desejo em comum e bem estratégico – que é o da autopromoção. É com tais embasamentos que o dramaturgo e o sociólogo se autodeclaram e se auto elegem como arautos e emissários de uma verdadeira cultura Nacional.

⁴⁷ FREYRE, Gilberto. **Nordeste**: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil. 7.ed. rev. São Paulo: Global, 2004, p. 45.
Humana Res, v. 5, n. 8, 2023 , ISSN: 2675 - 3901 p. 273 – 292 agos. a dez. 2023. DOI: citado na pág. inicial do texto